



MERGULHANDO NO PASSADO, EMERGINDO NO FUTURO: MEMÓRIAS INTERGERACIONAIS DA MATEMÁTICA ESCOLAR

Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira ¹
Alcina Maria Testa Braz da Silva ²

RESUMO

É comum depararmos-nos com pessoas que vivenciaram, ou que vivenciam, alguma situação de aversão a Matemática e que, em alguns casos, adentram na comunidade por intermédio do próprio ambiente escolar quando este desempenha um papel que segrega ao tempo que não consegue dissipar preconceitos tradicionalmente enraizados. Enquanto criança, culturalmente, não se consegue lidar com tais acontecimentos positivamente, levando consigo e multiplicando esse sentimento de inferioridade e impotência, em relação a ciência, para vida adulta. Por outro lado, no contexto social brasileiro é crescente o número de pessoas idosas na sociedade ano a ano e esse fenômeno demanda mudanças conceituais, procedimentais e atitudinais atreladas à educação, visando a reintegrar e incluí-los em diversos espaços sociais e, dessa forma, abrir caminhos no que se refere a resolver problemas comuns da vida cotidiana por meio das práticas de letramentos. Diante disso, o ensino de Matemática aparece como uma ferramenta importante neste fenômeno apesar de ser ela um dos principais alvos, referenciada pela aversão em ambas as gerações (jovens e idosos). Entende-se que nesses arranjos e rearranjos das vidas humanas, a Matemática é um saber formativo e interativo que possibilita empreender leituras no cotidiano e na educação impressa e expressa pela Matemática. Neste sentido, entende-se que o encontro de gerações e o poder do diálogo aberto e democrático pode contribuir para um processo de ressignificação do conhecimento em sala de aula, de uma escola mais inclusiva e de uma Matemática coerente que estimule a inserção e o protagonismo social, e por isso, é importante discutir a bilateralidade da Matemática no que tange os anseios, possibilidades, especificidades, perspectivas, desafios e implicações nas memórias, saberes e práticas sociais de todas as gerações.

Palavras-chave: Educação Matemática, Estudantes Jovens, Histórias de Vida, Memórias Escolares, Pessoas Idosas (PIs).

INTRODUÇÃO

A Ciência busca, constantemente, responder premissas que se escondem ou que tendem a resumir o que se conhece de forma empírica, pois, muitas vezes, a mesma máscara descobertas da realidade. Desta forma, o ato de fazer pesquisa aparece como um processo dinâmico no contato com essas realidades desconhecidas, sendo assim e com foco nesta realidade empírica, este projeto insere-se numa proposta investigativa da realidade

¹ Doutorando em Educação, Ciência e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, tonyathy@hotmail.com.br.

² Professora orientadora: Doutora em Educação (UFRJ), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, alcina.silva@cefet-rj.br.



contemporânea e imediata por pesquisar aspectos científicos, psicossociais, históricos, filosóficos e culturais relacionados as pessoas idosas (PIs) e jovens que compõem os anos iniciais do ensino fundamental. Pesquisas, como esta, sobre a realidade cotidiana das pessoas e suas memórias podem influenciar na maneira de como a sociedade percebe ou pluraliza conceitos acerca das representações da escola feitas por este segmento da população. Partindo disso, organizou-se este projeto em decorrência de um movimento pedagógico que busca compreender até que ponto a Matemática resultante de acontecimentos na fase escolar interferem nas ações e respostas ao cotidiano social.

Sendo Assim, o foco do projeto será voltado a relatos de histórias de vida, ou, uma série de experiências, ou até acontecimentos, que podem interferir na maneira de um indivíduo reagir a determinadas situações cotidianas. Para isso faz-se necessário refletir sobre a forma como lidar com a Matemática, ou, muitas vezes, com a aversão a ela que podem durar dias, semanas ou até perpetuar-se, transferindo-se de pais para filhos. Neste sentido, propõem-se estudar quais as implicações que a postura/ações do professor de Matemática em sala de aula, enquanto profissional, se relacionam ao plano afetivo e conseqüentemente intelectual da criança.

Sabe-se que a vivência do professor de Matemática está cercada de acontecimentos estressantes fisicamente e psicologicamente; o risco de exposição dessas experiências são frequentes e tem feito parte da condição humana no decorrer dos séculos desde nossa evolução como espécie. Os Transtornos do Estresse Pós Traumático (TEPT) podem desenvolver casos mais sérios, conforme aponta Pinheiro (2014, p. 78),

O trauma enquanto experiência dolorosa que é, acarreta uma exacerbação do medo, o que pode conduzir ao estresse, envolvendo mudanças físicas no cérebro e afetando o comportamento e o pensamento da pessoa, que fará de tudo para evitar reviver o evento que lhe traumatizou. Igualmente, pode acarretar depressão, comportamentos obsessivos compulsivos e outras fobias ou transtornos, como o de pânico.

Na contramão da rotina do professor de matemática, crianças e adolescentes vivem um período intenso de crescimento, desenvolvimento emocional, cognitivo, maturação cerebral e corporal, num processo dinâmico e complexo de mudanças que são interdependentes e associadas. Desta forma o período do dia em que os alunos estão na escola também é importante e por isso precisam de condições estruturais favoráveis para realizar essa transição de maneira saudável até a vida adulta e para a plena integração social. Todas essas transformações da infância e da adolescência podem ser influenciadas de maneira



positiva para o completo alcance das potencialidades vitais, ou de maneira negativa, com distorções ocasionadas por situações de riscos que podem interromper essa trajetória e repercutir para o resto de suas vidas. A relação professor-aluno está comumente ligada a esta fase dos educandos, pois é comum conflitos no ambiente escolar entre eles.

Essas demandas hierárquicas dentro de “*sala de aula*” quando aliadas ao autoritarismo são relatadas tanto por FOUCAULT (2005), que descreve caminhos para melhorar e elucidar situações desta ordem, quebrando tais estruturas de poder; quanto por FREIRE (2008), que reflete essas condições ao afirmar que esse poder adquirido pelo professor gera uma zona de conforto dentro da rotina estressante de uma escola reduzindo sua angústia pelo simples fato de dominar a situação em que se encontra. O idoso, a terceira parte da tríade “*Jovem X Professor X Idoso*”, se veem em situações de aversão a Matemática construídas ainda na infância, e neste momento de suas vidas se deparam e enfrentam, constantemente, preconceitos e constrangimentos nos espaços sociais que necessitam transitar no cotidiano, seja com situações que envolvam operações bancárias, faturas de cartão de crédito, o ingresso no mercado de trabalho e confusão com cálculos simples (como na feira e no supermercado, por exemplo), seja em outros momentos no qual executam suas práticas cotidianas e que podem ter uma relação direta com o conhecimento e domínio da Matemática, enquanto ferramenta de construção da identidade cidadã, no que se refere a garantia de seus direitos sociais.

Os alunos idosos apontam para um caminho onde o conhecimento científico esteja adequado às suas reais possibilidades cognitivas, transformando-se em conhecimento escolar. Acredita-se que quando o professor entende que “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção*” (FREIRE, 2004, p. 53) um passo importante é dado para que a *transposição didática* ocorra, no sentido de criação de um *objeto de ensino* de Matemática mais eficiente. Tal hipótese de pesquisa é um norte para desmistificar/descharacterizar o extremismo na Matemática. Nesse sentido, Machado & D’Ambrósio (2014) apontam que, naturalmente:

Ama-se ou odeia-se a Matemática. Para alguns, o tema é sedutor, lugar de harmonias, equivalências, simetrias, ordenações e relações caprichosas e surpreendentes, expressão de beleza que tangencia a poesia. Para outros, trata-se de um território árido, povoado por números frios e cálculos insípidos, compreensíveis apenas por especialistas, pessoas com dons especiais/.../



A necessidade de *vivenciar uma Matemática em sua essência* por parte dos jovens/idosos desafia o professor a articular melhor sua transposição didática e percebê-la enquanto ação propulsora do saber ensinado mas que precisa ser vista como um instrumento comum em sala de aula que compõe um fenômeno mais amplo e complexo: *o ensino*. Por outro lado, o diálogo é outra vertente continua que, por si só, desempenha um papel importante para sustentação da escola como patrimônio social, histórico e cultural brasileiro. Por isso, acreditam-se no empoderamento e na ascensão das pessoas idosas que ao compartilhar seu conhecimento de vida e a partir das considerações dos jovens, alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (que deve ocorrer por meio da história oral) conheceremos os desafios e possibilidades em construir um modelo de escola mais eficiente, com um olhar especial para os processos de ensino e de aprendizagem da Educação Matemática e científica o que vai de encontro com os estudos internacionais sobre a diversidade de caminhos na perspectiva da multiculturalidade popular e dos diálogos pós-modernos em Educação Matemática e com a linha de pesquisa *Formação dos Professores em Ciência, Tecnologia e Educação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação (PPCTE) que reflete, dentre outras temáticas, materiais inovadores, teorias, práticas e epistemologias em diferentes espaços e níveis educacionais, estratégias de ensino, de aprendizagem e de compreensão de fatores que favorecem o processo de construção de significados para os conceitos científicos.

METODOLOGIA

Esse material é resultado de um projeto de pesquisa em construção para submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), o mesmo consiste em uma investigação do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação (PPCTE) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ).

Em resumo, trata-se de um estudo qualitativo de natureza etnográfica onde realizaremos com jovens e idosos (i) observação participante, (ii) aplicação do questionário interativo e (iii) entrevista não-diretiva em grupo focal com dez membros. Após o processo com os dois momentos: jovens estudantes da educação básica e pessoas idosas da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o grupo focal será misto com PIs e jovens com o objetivo de criar uma rede de significantes de significados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos recentes realizados nos Estados Unidos revelam que ao longo da vida humana mais da metade das mulheres (51,2%) e 60,7% dos homens vivenciaram algum evento traumático ratificando que o fenômeno é um caso de saúde pública da sociedade mundial, segundo (QUEVEDO & CARVALHO, 2014). Esses transtornos, em algumas ocasiões adentram na comunidade por intermédio do próprio ambiente escolar que desempenha um papel opressor quando um sujeito não consegue se enquadrar em padrões físicos ou de conhecimento ao qual a sociedade já modelou. Nesse sentido, as avaliações são comumente utilizadas como exemplo quando nos referimos as ferramentas de “*seleção*”. O professor de Matemática também é um exemplo dessa escola que “*classifica*” os melhores e por força profissional, em alguns momentos, não consegue dissipar autoridade de autoritarismo exaltando e expondo a hierarquia escolar, ao mesmo tempo que acaba silenciando os alunos. Por outro lado, o aluno atemorizado diante desse tipo de comportamento e em consequência a toda conjuntura do sistema escolar, gera uma situação muito mais séria, pois os bloqueios adquiridos na infância são os mais difíceis de serem solucionados, por permanecerem no plano subconsciente ou inconsciente.

Na fase adulta, a pessoa adapta a sua conduta ou comportamento a situação do passado levando o sentimento de inferioridade e impotência com relação a Matemática enquanto componente curricular (situações como concurso público, o ingresso em cursos que trabalhem com a Matemática como Economia, Estatística, Arquitetura, as Engenharias e áreas afins, são exemplos de situações do cotidiano que fortalecem o sentimento descrito anteriormente), construindo uma representação escolar da Matemática equivocada. Para BALONNE 2008,

O evento traumático permanece, algumas vezes por décadas ou a vida toda. Trata-se de uma experiência psicológica dominante que retém seu poder de evocar pânico, terror, pavor, apreensão, aflição ou desespero, manifestos em fantasias diurnas, pesadelos traumáticos e reconstituições psicóticas conhecidas como flashbacks do *Transtorno do Estresse Pós-Traumático*.

MAYA (2014), explica como o desenvolvimento mental das experiências de vida devem ser enfrentadas para levar ao crescimento:

Quando somos crianças não sabemos lidar com as emoções positivamente. As pessoas que tiveram influência em nossas vidas programaram nossas mentes de uma maneira ou outra, dizendo o que fazer e como fazer. Além disso, na maioria das



nossas experiências infantis os amigos da escola às vezes se divertiram com a nossa cara, nos amedrontando ou nos xingando, nos influenciando a pensar, naquela idade, que algo estava errado conosco; nós acreditamos em tudo que diziam naquele período. A mente tem a habilidade de armazenar tudo que experimentamos naquela idade, pondo as sensações provenientes de coisas desagradáveis na caixa chamada subconsciência. Uma vez que passamos as informações desagradáveis ao subconsciente, temos a impressão, no nível consciente, que o sentimento desagradável não está mais lá. Mas nos enganamos redondamente, quando pensamos que evitar o assunto, para não lidar com o sentimento desagradável, nos ajuda. Pelo contrário, esse processo inacabado ajuda a conservar a dor que aqueles incidentes em particular causaram.

Assim como as crianças, os alunos idosos carregam consigo aversões em relação a Matemática pois foram ensinados durante muito tempo que a matemática é “*cálculo, especificadamente as quatro operações básicas: somar, subtrair, multiplicar e dividir, além da memorização de propriedades e algoritmos que permitem obter respostas numéricas*” (FRANK 1988, apud VILA & CALLEJO, 1996 p. 60), reduzindo o poder da matemática a simplesmente seguir regras e memorizar por meio da repetição sucessiva, robotizando o processo de aprendizagem na escola o que pode ter ajudado no processo de aversão a Matemática ao qual muitos idosos ainda relatam. Atualmente, a Matemática ganha espaço por meio das representações concretas de sua utilização, uma prova disso é a Abordagem Etnomatemática, ao qual D’AMBRÓSIO (1998, p. 87) discute que,

Etno (ambiente natural e cultural) + *Matema* (conhecer, explicar, entender, lidar com o ambiente) + *Tica* (artes, técnicas, modos e maneiras de). Assim, defino Etnomatemática como o corpo de artes, técnicas, modos de conhecer, explicar, entender, lidar com os distintos ambientes naturais e sociais, estabelecido por uma cultura. Dentre as várias artes e técnicas desenvolvidas pelas distintas culturas, incluem-se maneiras de comparar, classificar, ordenar, medir, contar, inferir, e muitas outras que ainda não reconhecemos.

Posicionamentos como esse amplia os horizontes acerca da Matemática ao conecta-la em uma pluralidade de contextos, situações, práticas, saberes, memórias, abstrações, significações, conceitos, habilidades, reconfigurando literalmente a Matemática social de situações hipotéticas, artificiais e repetitivas. Maia (2000, p. 07), reflete sob a perspectiva da força das representações sociais no contexto científico e de como produzir conhecimento a partir desses conceitos, ao relatar que,

O conhecimento popular é um conhecimento verdadeiro e uma forma de evolução do conhecimento científico, a teoria das representações sociais abre uma perspectiva para que este conhecimento tenha lugar no seio das instituições formais produtoras e reprodutoras de conhecimento, como é o caso do sistema educativo.

Reitera-se assim o ensejo em contribuir para a articulação, reflexão e integração entre o conhecimento matemático popular e o científico. Perceber a Matemática “*real*” em meio a



abstração e sua relação com o cotidiano das pessoas é um dilema para sociedade, porém faz-se necessário na pós-modernidade. Brito (2006, p. 235) mostra “*que a relação ao saber do professor parece ser um dos principais elementos balizadores no estabelecimento/.../ da transposição didática interna*”, sendo assim, o professor tem um papel de destaque na inter-relação com o saber, sua produção e a valorização social dele em suas diversas formas. É demanda do professor articular os polos psicológico, epistemológico, social e pedagógico, ou seja,

Quem ensina ocupa um dado lugar na relação didática. Quem aprende, ocupa outro, e ambos relacionam-se dialeticamente, interagindo com um terceiro elemento, que também tem um lugar a ocupar. E essas relações pressupõem que as subjetividades dos parceiros estejam em jogo e se revelem explicitamente e, principalmente, implicitamente, nas negociações, nas tensões, nas rupturas e nas impossibilidades. Isso nos possibilita apontar para outro elemento que consideramos relevantes: a didática, como área de conhecimento, precisa também de certas interfaces para poder explicar os fenômenos educativos. (BRITO, 2006, p. 237)

Posto isso, a *transposição didática* do professor de Matemática é uma ferramenta indispensável para que o ensino, de fato, ocorra. Neste sentido, a difusão da Etnomatemática é um instrumento que quando aliada a transposição didática promove habilidades importantes no jovem dos anos iniciais e nas pessoas idosas, pois o domínio da Matemática faz eles se sentirem úteis para família, para comunidade, para sociedade pois a “*todo instante os indivíduos fazem comparações, classificações, medições, generalizações e, de algum modo, avaliações usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura*” (PANCIERA, 2008, p. 03). A matemática está em toda parte, D’Ambrósio (1998) reflete que Etnomatemática “*é Matemática, é criança brincando, é pedreiro construindo casa, é dona de casa cozinhando, é índio fazendo artesanato, isto é, é parte da vida, da existência de cada um*”, parte daí a importância para a pessoa idosa e para os jovens o conhecimento matemático na sociedade atual. É sob esta perspectiva que desenvolve-se o estudo, trilhados pela investigação de como esse encontro intergeracional pode contribuir para um processo de ressignificação da escola e da matemática escolar na vida cotidiana, desvelando memórias, saberes e práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultado de um projeto de pesquisa para a construção da tese de doutorado, com o objetivo de “*investigar, nas narrativas de pessoas idosas, representações feitas da*



matemática escolar no que se refere aos processos de ensino e de aprendizagem, sobretudo no que tange o ato pedagógico, do passado e correlacionar tais memórias com os relatos de alunos dos anos iniciais e de como eles percebem as práticas e metodologias contemporâneas de ensino de Matemática” – Esse texto se propõe a alcançar o objetivo, a partir do caminho: (i) identificar, por meio de questionários interativos, o perfil socioeconômico dos alunos idosos participantes da pesquisa e em seguida, através de entrevistas semiestruturadas em grupos focais, questões ligadas a memória da matemática escolar do passado; (ii) relacionar essas lembranças da escola do passado com a realidade das escolas contemporâneas com base nos relatos dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, seguindo um processo de coleta de dados similar – dado por questionário interativo e, em um segundo momento, entrevista semiestruturada em grupo focal; (iii) analisar os principais pontos idiossincráticos e evidências científicas desenhada pelas duas gerações (jovens e idosos), bem como a perspectiva coletiva/popular nos dois grupos; (iv) refletir, com base nas histórias de vida, os principais anseios, desafios e possibilidades educacionais no ensino de Matemática para educação básica e até que ponto a *transposição didática* auxilia no processo de afirmação das competências matemáticas.

AGRADECIMENTOS

Na segunda metade do século XXI, o Brasil tem perpassado por um momento delicado, de crises históricas no campo ético, moral, político, social, econômico educacional, entre outras, marcadas por retrocessos e surpresas de toda ordem. No entanto, Paulo Freire nos ensina que – apesar dos erros e acertos, afinal somos incompletos e inacabados, não podemos deixar de tentar compreender o que se passa e de esperar. A ele, por toda sua construção humana, libertária e justa, nossa gratidão.

Agradecemos ainda ao Centro Federal de Educação tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) – Campus Maracanã pela sua contribuição social, regional e temporal, e, sobretudo, sua colaboração organizacional e financeira para o desenvolvimento deste trabalho, bem como ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela parceria através do Projeto Universal (2019/2022) *Cultura Científico-Tecnológica nos Contextos Formativos Contemporâneos*.

REFERÊNCIAS



BALLONE G. J, MOURA E. C. **Transtorno por Estresse Pós-Traumático** - in. PsiquWeb, Internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br>, revisto em 2008. (Acesso em 10/08/17 às 14h).

BOTH, A. Gerontologia: **Educação e Longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.

BOTH, A. **Educação Gerontológica: posições e proposições**. Erechim, RS: Imperial, 2001.

BRASIL (2003). **Estatuto do Idoso**. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. Presidência da República: Brasília, 2003.

BRASIL (2005). **Mundo Terá Mais de 1 Bilhão de Idosos em Dez Anos, Diz ONU**. Disponível em: <http://www.jcom.com.br/noticia/142376/Mundo_tera_mais_de_1_bilh_ao_de_idosos_em_dez_anos_diz_ONU>. (Acesso em: 27/05/15).

CARVALHO. I. M. **O Processo Didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1984.

COLLUCI. C. **População Idosa Vai Triplicar nos Próximos Trinta Anos**. Folha de São Paulo: 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014_03/1432528-populacao-idosa-vai-triplicar-nos-proximos-2anos.shtml>. Acesso em: 08 ago. 2015.

BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de pedagogia social. São Paulo/SP: Editora da Universidade São Paulo (USP), 2003.

BRITO, A. P. A. **Contrato Didático e Transposição Didática**: inter-relações entre os fenômenos didáticos na iniciação à álgebra na 6ª série do ensino fundamental. Tese de Doutorado. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

D'AMBROSSIO, U. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBROSSIO, U. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT. M. **Microfísica do Poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a Própria História**. São Paulo/SP: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **À Sombra Desta Mangueira**. Ana Maria de Araújo Jorge (Org.). Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Ana Maria de Araújo Jorge (Org.). Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 2014.

GARCIA. J. **Quando a boca cala, o corpo fala!** Disponível em: joselainegarcia.blogspot.com.br. (Acesso em 05/06/17).

KACHAR, V. **Longevidade**: um novo desafio para educação. São Paulo/SP: Cortez, 2001.



MACHADO, N. J.; D'AMBRÓSIO, U. **Ensino de Matemática: pontos e contrapontos**. Valéria Amorim Arantes (Org.). São Paulo/SP: Summus Editorial, 2014.

MAIA, L. de S. L. **Matemática Concreta X Matemática Abstrata**: mito ou realidade? Portal do GT 19 da Anped: 23^a Reunião – Caxambu/MG, 2000. Disponível em: <http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_23/matematica_concreta.pdf>. (Acesso em: 13/05/17).

MAIA, L. de S. L. **Les représentations de l'enseignant sur les mathématiques**. Dissertação. Université Paris Descartes, 1993.

MATTOS, C. L. G; CASTRO P. A. **Etnografia e Educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MAYA, L. **Como os Traumas Emocionais Influenciam em Nossas Vidas**. Disponível em: <http://www.planetaneews.com/news/2009/10999>. (Acesso em: 10/09/14).

PANCIERA, L. M. **Valorizando o Saber Matemático dos Educando da EJA**: trabalhadores do comércio. XIV Jornada Nacional de Educação: A Educação na Sociedade dos Meios Virtuais: UNIFRA, 2008. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/jne2008/eventos.asp>>. (Acesso em: 10/08/17).

PINHEIRO, Juliano. **Manual de Psicoterapia**: guia de regressão a vidas passadas e hipnose/traumas e neuroses. 1. ed. 2014.

QUEVEDO, João; CARVALHO, André F. **Emergências Psiquiátricas** [Recurso eletrônico]. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SANTOS, S. S. C. **Concepções Teórico-Filosóficas Sobre Envelhecimento, Velhice, Idoso e Enfermagem Gerontogeriatrica**. Pág.: 1035. Revista Brasileira de Enfermagem: Brasília, 2010.

VILA, A.; CALLEJO, M. L. **Matemática para Aprender a Pensar**: o papel das crenças na resolução de problemas. Porto Alegre: Artmed, 2006.